

EVOLUÇÃO, EVOLUCIONISMO E CIÊNCIA NO PENSAMENTO DE TOBIAS BARRETO: NOTAS PARA UMA RECENSÃO

Evolution, evolutionism and science without thought of Tobias Barreto: notes for a recension

Aruanã Antonio dos Passos⁸⁴

Resumo: O trabalho analisa a ideia de evolução e a recepção e circulação do evolucionismo europeu oitocentista no pensamento de Tobias Barreto. Destaca-se o debate sobre a raça e a evolução e as implicações e críticas que Tobias Barreto realizou a esse conjunto de ideias. Enquanto pensamento referenciado e simultaneamente crítico a esses debates e embates, Tobias Barreto forjou mecanismos de construção crítica que possibilitaram ao seu pensamento uma síntese e apropriação desse conjunto de ideias no contexto nacional. Buscamos dessa forma compreender suas ideias à luz de uma concepção de ciência que procurava escrutinar os saberes que almejam um grau de cientificidade, como o evolucionismo em suas diversas vertentes.

Palavras-chave: Evolução; evolucionismo; Tobias Barreto.

Abstract: The paper analyzes the idea of evolution and the reception and circulation of nineteenth-century European evolutionism in the thought of Tobias Barreto. The debate about the race and the evolution and the implications and criticisms that Tobias Barreto made to this set of ideas stands out. As a referenced thought and simultaneously critical to these debates and struggles, Tobias Barreto forged mechanisms of critical construction that enabled his thinking to synthesize and appropriate this set of ideas in the national context. In this way we seek to understand their ideas in the light of a conception of science that sought to scrutinize knowledge that seeks a degree of scientificity, such as evolutionism in its various aspects.

Key-words: Evolution; evolutionism; Tobias Barreto.

Os nomes de Darwin e Haeckel, – bem o sei, – não soam de modo agradável aos ouvidos felizes, que encontraram a serenidade nas alturas, que acham por tanto Haeckel e Darwin dignos de lastima, principalmente porque nunca leram. Mas isto não é uma rasão plausível, para que eu deixe de prosseguir na minha viagem.

Tobias Barreto, *Questões vigentes*, p. 116.

No fim do século XIX, data a que somos chegados, o espetáculo que se oferece a todo o observador reflectido é dos mais notáveis. Todas as pessoas instruídas concordam em reconhecer que, sob bastantes pontos de vista, este século

⁸⁴ Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus Pato Branco. Contato: aruaana@utfpr.edu.br

excedeu infinitamente os que o precederam e que resolveu problemas que, na sua aurora, pareciam insolúveis.

Ernesto Haeckel, *Os enigmas do universo*, p. 1.

A recepção e sucesso das ideias evolucionista, não apenas as ideias de Darwin, principalmente a partir da segunda metade do século XIX no Brasil Império, podem ser analisados sob vários aspectos. Podemos enfatizar o mecanismo pelo qual essa recepção preenchia uma lacuna à crítica da filosofia. Após a morte de Hegel, a filosofia, para muitos, teria se tornado obsoleta, não contribuindo mais para a resolução dos problemas contemporâneos. O debate sobre a anunciação da “morte da metafísica”, entre nós tem capítulo de destaque realizado por Sílvio Romero em sua defesa de tese na Faculdade de Direito do Recife, é uma prova de que esses intelectuais estavam a par do impasse. Leôncio Bausbaum, em sua *História sincera da República*, reduz o horizonte intelectual a tintas cinzentas. Na sua descrição:

No Brasil, liquidado o positivismo, nada mais restou como Filosofia. E os livre-pensadores do fim do século passado, que, colocando-se contra a Igreja, passavam a simpatizar com o positivismo, ou ingressavam na maçonaria ou ainda se deleitavam com as verrinas iconoclastas de Tobias Barreto, haviam desaparecido (BASBAUM, 1976, p. 197).

As “verrinhas iconoclastas” de Tobias Barreto teriam perdido sua força porque não se articulavam mais aos problemas e paradoxos políticos e culturais. A República se esforçara por construir consensos dentro de um quadro geral de reordenamento das instituições e do exercício de suas funções. A burocracia estatal, as reformas educacionais e urbanas, o reordenamento jurídico relegara os combates de Tobias a um passado recente, mas concluso pelo novo regime. Ainda assim, até as “ideias novas” agora teriam adquirido à luz republicana – como sentenciava Basbaum ao se referir as ideias de Heackel – um, “(...) fundo reacionário da doutrina” (BASBAUM, 1976, p. 98)

Numa escala evolutiva (construída pelo próprio pensamento europeu), a Europa afirmara uma posição superior no contexto geral dos povos. A emergência da modernidade e as ideias de civilização e progresso estavam articuladas a um amplo processo histórico que colocava em perspectiva as ideias de história e evolução. E sob essa perspectiva o pensamento moderno articulará novas relações entre natureza, cultura e homem. Segundo Francisco Falcon: “Isso é particularmente visível na completa transformação que se opera nas maneiras de situar as relações entre o homem e a natureza, bem como na luta empreendida pela Igreja contra os avanços do espírito matemático-natural” (FALCON, 1982, p. 7). Dessa forma, as forças conservadoras da moral

religiosa se confrontavam com as teorias científicas mais recentes gerando debates e polêmicas, nas quais Tobias não se furtou a enfrentar. Assim, podemos considerar um esforço de racionalização em todos os campos onde seu pensamento agiu. Seja no direito, na filosofia, na crítica. Esse esforço de racionalização, também pode ser incluído no movimento amplo de secularização que marca a modernidade. Ainda segundo Falcon:

No âmbito específico das teorias e práticas políticas e econômicas, essa passagem da transcendência à imanência assumiu, de certo modo, uma conotação facilmente identificável: a *secularização*. É a emancipação de cada um dos campos particulares do conhecimento da tutela da teologia e da metafísica tradicional (FALCON, 1982, p. 8).

Se a Europa mantinha sua posição superior na escala geral de evolução dos povos, podemos considerar que a ciência oitocentista continha em si uma força de retração que a despeito das descobertas não prescindia de uma ideologização. Essa força de retração exercia pressão através do campo político e sob muitos aspectos legitimou os projetos de dominação imperialistas da Europa sobre territórios diversos na África e Ásia. Assim, o evolucionismo muito cedo transitou entre uma teoria científica e uma ideologia política. Segundo Pierre Boule: “A maioria dos *philosophes*, de forma mais tradicional, considerava a humanidade como resultado de evolução. Mas como demonstrou o darwinismo social do século XIX, essa posição não evitava um conceito de superioridade européia, até mesmo racial” (BOULLE, In: KRANTZ, 1990, p. 196).

Análise própria de época, qual seja, contextualização e tipificação de um pensador na linhagem histórica de evolução das ideias, a ideia mesma de evolução transpassa o universo teórico para o metodológico definindo no social as suas significações. Num momento embrionário de consolidação das ciências sociais e humanas, de fronteiras disciplinares pouco definidas, o que unifica diversos saberes em construção é a sua reivindicação junto à ciência. Nesse contexto, como bem aponta Francisco Paz:

O discurso da ciência e do progresso estrutura os demais discursos e reinventa tradições. A história, ao anunciar a nova verdade universal, tão somente esquece que a verdade suprema é sempre antiempírica e que, naquele momento, mesclara-se com a genealogia das nações e da civilização de que é portadora (PAZ, 1996, 153).

No julgamento de Antero de Quental, em marcante trabalho sobre as correntes filosóficas do século XIX, encontramos a determinação de um modo de observação e análise de um pensamento. Nas suas palavras: “As ideias de um grande pensador, cujo largo âmbito ele raríssimas vezes mede bem, não são o que ele quis ou pretendeu que elas fossem, mas sim aquilo que de facto representam na evolução do pensamento geral a que se ligam” (QUENTAL, 1991, p. 66). Se

recorrermos a prescrição de Quental, podemos realizar esse enquadramento de Tobias diante várias questões latentes na urgência de seu tempo. É o caso de sua posição em relação ao antissemitismo. Tobias se colocara contra o antissemitismo que nascia na Alemanha nos finais do oitocentos. Em artigo elaborado entre 1871 e 1873 já se colocava contra os críticos do judaísmo. O texto, um exercício de exegese bíblica, se encerra com a seguinte assertiva:

É certo por conseguinte que os semitas não se caracterizam só pela posse de um alto senso religioso, revelando em tudo mais pobreza e esterilidade, como sôe parecer a alguns ethnologos. O exemplar da raça, os judeus, tem direito a maior apreço, baseado em um estudo menos superficial de sua psychologia. Elles se acham actualmente na vanguarda do progresso intellectual, entre os grandes combatentes e os grandes demolidores do edificio de velhos erros. Visivelmente, elles tem ainda um nobre destino a cumprir. (...). E é uma verdade (BARRETO, 1926 p. 78).

A mesma postura se conservará ao comentar a atuação de Heinrich von Treitschke (1834-1896), então professor de filosofia na Universidade de Berlim e redator dos *Annaes prussianos*. Tobias questiona as razões do movimento antijudaico em outro artigo de 1880:

O que não comprehendo é que elle pretenda, como acaba de fazel-o, por força do mesmo principio, condemnar ao odio e á execração da maior parte uma pequena parte da população allemã. Quero falar da actual questão judia, que tão pouco sympathicos vae tornando no estrangeiro os nomes de seus agitadores na Allemanha. Qualquer que seja a divisa, por que se assignalem taes combatentes, ainda mesmo a santa divisa do amor da patria, não justifica o anachronico e disparatado de semelhante lucha (BARRETO, 1926b, p. 353).

O sergipano compreendeu as manifestações de Treitschke e acusações de manipulação e enfraquecimento da opinião pública através do controle da imprensa como anacrônicas aos valores modernos “da tolerância das crenças e da harmonia das raças”, nas suas palavras. Desacreditando a posição de Treitschke, Tobias defendia a opinião de que a imputação causal aos judeus que se realizava então, na Alemanha não possuía mais significação no contexto de evolução dos povos. Logo, concluímos que a adesão de Tobias a determinado sistema de pensamento ou ideia não era em absoluto dogmática. Ao contrário, cada debate e “adesão” a ideias que acompanhamos visualizamos um crivo de criticidade a examinar a forma e plasticidade dos raciocínios. Mas, nosso intuito não é o de simplesmente relativizar a adesão a ideias por parte de Tobias, ou esvaziar as classificações que o taxam com este ou aquele rótulo ideológico, mas afirmar que essas adesões não se deram ao vento das apropriações assistemáticas e fortuitas, mas sofreram crítica e reflexão por parte do sergipano. Retrospectivamente o historiador tem condições de realizar esses julgamentos classificatórios, mas jamais pode deixar de fitar o devir de um pensamento, ou seja, a sua constituição no tempo.

Monismo, evolucionismo e darwinismo social eram perpassados pela ideia geral de evolução e com ela as ideias de luta pela vida e de força. Sendo assim, ainda se constituíam consensos amplos sobre as teorias elaboradas na Europa. O deslizamento das descobertas da história natural para a análise das sociedades foi um dos movimentos realizados por esses intelectuais. Assim, se por um lado esses intelectuais passaram a admitir uma distinção entre natureza e cultura, as civilizações e o homem ainda mantinham uma relação com o mundo natural. Seu trabalho, então, consistia na adequação dessas ideias às especificidades dos povos e das dinâmicas sociais. Esse esforço é efetivado por, dentre outros, Beviláqua ao explicar as ideias de Spencer – vale lembrar que era crítico de Darwin – nos seguintes termos: “A nação, que não tem em si a seiva necessaria para crear as originalidades, está exposta á uma lucta mais tenaz, porque tem de disputar com outras, n'um duello de morte, todos os seus elementos de vida” (BEVILAQUA, 1883, p. 56). Nesse fragmento, fica evidente a transposição de uma noção científica para o campo social, recurso frequente realizado por Tobias e Romero.

Dessa maneira, no campo da análise das sociedades emerge desse mecanismo teórico de apropriação de um saber e sua transposição para outros, uma visão de história e de progresso das civilizações. Esse mecanismo articulava um senso de tempo e evolução dos povos, mas que poderia admitir a intervenção humana, no caso específico do pensamento de Tobias Barreto, através da cultura e seus implementos (destaque para a educação, o direito e a razão filosófica). É sob esse olhar que se edifica a conexão entre essas experiências reflexivas do final do século XIX e seu papel na construção de nossa modernidade. Ao analisar essas experiências e suas ramificações no futuro, Francisco Foot Hardman localiza a forte presença do positivismo, evolucionismo e materialismo naturalista e sua importância na formação do nosso modernismo. Ao comentar a obra de Fausto Cardoso, Hardman afirma que:

É o caso sugestivo da obra filosófica de Fausto Cardoso, *Concepção monista do universo* (1895) – cuja filiação à chamada Escola do Recife é notória, tendo sido, sintomaticamente, prefaciada por Graça Aranha, que antecipa, ali, muito de certo vitalismo messiânico presente em seus escritos futuros –, livro precursor, entre nós, de uma concepção moderna sobre a linguagem humana vista como código objetivado e passível de se decifrar pela lógica científica (HARDMAN, 1992, p. 300).

A *Concepção monista de universo*, se apropria de outra noção implícita ao evolucionismo: a de desenvolvimento no tempo. A historicidade se torna categoria fundamental para esse pensamento. Por isso, podemos entender a afirmação de Francisco Paz, para o qual “o passado é a

base duradoura da sociedade e reveladora de seu futuro” (PAZ, 1996, 153). Daí surgirem visões escatológicas e teleológicas da história. A ideia de evolução interferiu no senso temporal de forma decisiva. Analisar o passado tornara-se condição *sine qua non* para o entendimento do presente e as projeções de futuro, logo, construções de propostas políticas. A força do saber científico no discurso intelectual oitocentista guarda em si essas projeções que serviam, ao mesmo tempo, como unidades de sedimentação teórica: ao passo que legitimavam uma posição e lhe davam autoridade, elas também instituíam um lugar de novidade. Assim:

A singularidade do oitocentos (...) não está na novidade das respostas, mas sim no significado e no triunfo do *devir*. Isto é, no desenvolvimento de um modo de pensar que envolve tudo o que é perene e que projeta tudo para o novo. Concepção explosiva e fragmentária do universo, o *devir* oitocentista sujeita as verdades presentes às transformações da revolução tecnológica e da revolução científica. O espírito imanente do ser é invadido pelo espírito científico. Ao firmar o motor da ciência, o homem estabelece o novo sentido da vida. Da história. (PAZ, 1996, 162).

No limiar do século XX, o ideário oitocentista parecia reforçar e concretizar muitas das suas projeções. O *devir* produzira a guerra de raças, como a chamou Michel Foucault⁸⁵, e que explodira num conflito mundial entre os grandes impérios do Ocidente. Se, como a epígrafe de Haeckel (que para alguns, chegou a influenciar, até mesmo, certos ramos da psicanálise⁸⁶), a esta seção afirma, o século XIX resolveu problemas até então considerados “insolúveis”, é bem verdade, que ele também edificou outros tão ou mais complexos que os que se propôs a resolver. Daí então, fazer todo sentido histórico a consideração de Hardman de que no limiar dos conflitos mundiais as utopias dos modernistas contrastavam com a barbárie em pleno vigor:

Por isso, quando os antigos modernistas chegaram, projetando cidades e esperanças, as guerras tinham, havia muito, começado. Numa era de barbáries tecnológicas crescentes, suas utopias emergiram como fogos-fátuos, como reminiscências de verdades, como prelúdios de alucinações reais (HARDMAN, 1992, p. 304).

Raça e evolução: embates evolucionistas

A relação entre raça, evolução das sociedades e história é uma das chaves de ordenamento dos discursos baseados nas ideias evolucionistas de Ernest Haeckel e da sociologia de Spencer.

⁸⁵ Cf: Aula de 21 de Janeiro de 1979. In: FOUCAULT, 2005b.

⁸⁶ Segundo Demétrio Magnoli: “(...) segunda a qual a evolução embrionária dos organismos mais complexos reflete o conjunto da árvore da vida – ‘a ontogênese recapitula a filogênese’, numa expressão sintética da época. A teoria experimentou enorme sucesso e saltou o muro da Biologia para invadir os domínios da Psicanálise ganhando adesão de Sigmund Freud”. In: MAGNOLI, 2009, p. 28.

Assim, Romero se expressa em termos de invariável certeza científica: “A distinção e desigualdade das raças humanas é um facto primordial e irreduzível, que a todas as cegueiras e todos os sophismas dos interessados não têm força de apagar”, e prossegue: “Esta desigualdade originária, brotada do laboratorio immenso da natureza, é bem differente da outra diversidade, oriunda da historia, a distinção das classes sociaes” (ROMERO, 1894, p. XXII). Spencer está na base dessa relação inerente entre o paralelismo organização biológica natural e social.

Nas considerações de Ana Beatriz Demarchi Barel, a respeito da miscigenação racial e seu lugar no fim do XIX: “estamos diante de um dos muitos momentos em que o intelectual brasileiro vai se deparar com o descompasso das teorias elaboradas nos ditos países de centro ou geradores de cultura e a leitura dessas mesmas teorias por aqueles de periferia cultural, nosso caso”⁸⁷. Mas, a observação de Spencer dirigida ao contexto europeu bem vale a elite. Nas suas palavras “la mayor parte de los que se reputan ahora como liberales, son conservadores de una nueva especie” (SPENCER, s/d, p. 9). Ainda para Spencer: “a evolução faz surgir, quer no organismo social quer no organismo vivo, não apenas diferenças, mas diferenças entre as quais existe uma relação definida, diferenças de tal natureza que cada uma delas torna as outras possíveis” (SPENCER In: CRUZ, 2013, p. 195). Em outras palavras, há correção que ultrapassa a dimensão metafórica da comparação da sociedade ao universo dos seres naturais e organismos vivos. Acompanhamos uma vez mais sua percepção dessas relações, agora no nível do crescimento das sociedades:

As sociedades, tal como os organismos vivos, começam sob a forma de embriões, têm origem em massas que são extremamente pequenas em comparação com aquelas que alguns deles chegam por vezes a atingir. Que as maiores sociedades surgiram a partir de pequenas tribos errantes semelhantes às que formam actualmente as raças inferiores, é uma conclusão incontestável (SPENCER, In: CRUZ, 2013, p. 207).

Para Spencer, os agrupamentos biológicos e sociais mantêm integração ao passo que crescem em massa produzindo uma coesão “resultante da aproximação dos pares”. No mesmo lastro, Haeckel realizará toda uma leitura da evolução dos povos pelas lentes da evolução biológica, perspectiva que, em Romero, fará da filosofia um saber que só teria algum sentido e função a partir de uma analítica que levasse em consideração o mundo biológico e da interação entre os seres, ou seja, uma filosofia com base científica sem espaço para a simples “fantasia” (RABELLO, 1967, p.

⁸⁷ Ao analisar a posição de Romero, Demarchi pondera: “A saída de Sílvia é de uma fineza intelectual admirável. Uma vez que para ele o fator raça era o determinante de um caráter genuinamente nacional, o que nos diferenciava seria a presença do mestiço ‘agente transformador por excelência... que por sua vez já é uma transformação’. O mestiço seria também ‘autor’, pois o resultado dessa transformação é a criação de algo novo”. In: BAREL, 2002, p. 278.

104). Especialmente característico desse ordenamento entre mundo social e natural é realizado por Haeckel. Acompanhemos a demonstração do seu raciocínio:

Ordem moral do mundo – Na philosophia da historia, nas considerações geraes que desenvolvem os historiadores sobre os destinos dos povos e sobre a marcha tortuosa da evolução dos Estados, admite-se ainda hoje a existencia d'uma “ordem moral do mundo”. Os historiadores procuram, nas alternativas variadas da historia dos povos, um alvo conductor, uma intenção ideal que tivesse eleito tal ou qual raça, tal ou qual Estado para lhe procurar uma felicidade especial e a supremacia sobre os outros. Essa concepção teleologica da historia encontrou-se n'estes ultimos tempos em opposição tanto mais radical com a nossa philosophia monista, quanto esta appareceu com mais certeza como a única legitima no inteiro dominio da natureza inorganica. Quando se trata da astronomia e da geologia, da physica e da chimica, ninguém já hoje falla d'uma ordem moral do mundo, como não falla d'um Deus pessoal cuja “mão dispoz todas as coisas com sabedoria e talento”. Mas succede o mesmo no dominio da biologia, da composição e da historia da natureza organizada, exepctuando ainda o homem. Darwin não só nos demonstrou, na sua theoria da seleção, como as disposições conformes a um fim, na vida e na estrutura do corpo dos animaes e das plantas, foram produzidas mechanicamente, sem fim preconcebido, mas ensinou-nos além d'isso a reconhecer na *lucta pela vida*, a possante força natural que de ha milhares d'annos, rege e regula, sem interrupção, todo o processo evolutivo do mundo organico. Poder-se-hia dizer: “A lucta pela vida” e a “sobrevivencia do mais apto” ou o “triumpho do melhor”, mas não se pode senão considerando-se sempre o mais forte como o melhor (no sentido moral) e de resto toda a historia do mundo organico nos mostra, em todos os tempos, ao lado do progresso para o mais perfeito, que predomina, alguns regressos para estados inferiores. A “tendencia para um fim”, na opinião do próprio Baer⁸⁸, não mais offerece o menor character moral.

Seguir-se-hia talvez differentemente na historia dos povos, n'essa historia que o homem, victima como é do delirio anthropistico das grandezas, se compraz em chamar “a historia universal”? Poder-se-ha ahí descobrir, em toda a parte e em todos os tempos, um principio moral supremo ou um sabio regente do unvierso que dirige os destinos dos povos? No estado adiantado a que hoje chegaram a historia natural e a historia dos povos, a resposta imparcial só pode ser uma: – Não. Os destinos dos diversos ramos da especie humana que, em tantas raças e nações, luctam desde milhares de annos para conservar a sua existencia e proseguir no seu desenvolvimento – estão submetidos ás mesmas “grandes e eternas leis de bronze”, que a historia de todo mundo organico que, de ha milhões d'annos, povoa a terra. (...)

Pode-se agora considerar este processo evolutivo progressivo como a expressão d'uma tendencia consciente para um fim ou d'uma moral do mundo? Absolutamente que não. Porque a theoria da seleção ensina-nos, como a diferenciação organiza, que o *progresso* organico é uma *consequencia* necessaria da lucta pela vida. Milhares d'especies, boas, famosas, dignas d'admiração, tanto no reino animal como no vegetal, desappareceram no decurso d'esses quarenta e oito milhões d'annos, por que lhes foi preciso darem logar a outras mais fortes e estes vencedores, na lucta pela vida, nem sempre foram as formas mais nobres ou as mais perfeitas no sentido moral.

Succede exactamente o mesmo com a historia dos povos. A maravilhosa cultura da antiguidade classica desapareceu porque o Christianismo veio fornecer ao espirito humano que se debatia, um possante e novo vôo, pela crença n'um Deus d'amor e pela esperanza d'uma vida melhor no além. O papismo bem depressa se tornou a caricatura imprudente do christianismo puro e cacou inexoravelmente aos pés os thesouros de sciencia que a philosophia grega tinha reunido já; mas conquistou a supremacia universal pela ignorancia das *massas* cegamente crentes. Foi a Reforma que despedaçou as algemas em que o espirito

⁸⁸ Karl Ernest von Baer (1792-1876): médico, naturalista, geógrafo e antropólogo. Autor da obra “*De ovi mammalium et hominis genesi*”, publicada em 1827.

EXPEDIÇÕES

Teoria da História &
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

estava captivo e que ajudou a razão a reivindicar os seus direitos. Mas n'este novo periodo da historia da civilização, como no precedente, a grande luta pela vida ondeia eternamente, sem a menor ordem moral (grifo nosso). (HAECKEL, 1909, p. 308-311).

Uma série de elementos de ordem discursiva estruturam a explicação de Haeckel para a evolução das sociedades. A longa citação revela uma estrutura discursiva e imagética presente no evolucionismo de Tobias, daí sua importância. Sabemos, com ajuda dos trabalhos de Michel Foucault, que a ordenação dos discursos funciona através de uma série de procedimentos de exclusão (FOUCAULT, 2005a, p. 9 e ss.) e, “(...) quando elaboramos um discurso, inclusive o discurso histórico, vemos que toda a sociedade o controla a partir de múltiplos procedimentos de exclusão” (PAZ, 1996, p. 147). Esses procedimentos são determinados pela própria sociedade que coloca em funcionamento esses mecanismos. Os discursos então, se organizam sob procedimentos que colocam em estruturação “um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras definidas, de técnicas e de instrumentos”. (FOUCAULT, 2005a., p. 30). No caso de Haeckel, popularizador das ideias evolucionistas e correspondente internacional da Academia Brasileira de Letras, a luta pela vida é o eixo de ligação entre a evolução dos seres vivos e da vida das civilizações, já que: “de um modo generico, o progresso tem por base a diferenciação; é igualmente um resultado immediato da selecção natural pela luta pela existencia” (HAECKEL, 1930, p. 205). Essa luta transbordava o mundo natural:

A luta para viver favorece necessariamente a divergencia geral, o desvio mutuo das fórmulas organicas, a tendencia perpetua para a formação de novas especies. Não se deve este resultado a uma propriedade mythica, a uma força misteriosa do organismo, mas á acção combinada da hereditariedade e da adaptação na luta pela vida. Pela extincção das fórmulas intermediarias de cada especie, pronuncia-se o desvio cada vez mais e engendra as fórmulas extremas, que constituirão as novas especies (HAECKEL, 1930, p. 200).

Tobias Barreto reverberou essa ciência evolucionista de maneira incisiva até pelo menos sua “redescoberta” do pensamento de Kant⁸⁹. A raça era um fato recentemente confirmado pela ciência oitocentista. Instrumento de dominação política dos imperialismos europeus que exploraram África e Ásia, a ideia de raça sustentada pela ciência extrapolou os limites do universo natural e ascendeu com a explicação da evolução dos povos. Juntamente os fatores espaciais e geográficos a raça sustentava a escritura da jovem sociologia e suas explicações para a assimetria da diversidade

⁸⁹ Antonio Cândido contextualiza a presença da *História da Criação* de Haeckel no Brasil Oitocentista: “Um livro como História da Criação, de Haeckel, expõe teorias de Kant, Lamarck, Goethe, Lyell, Darwin, Wallace, devia constituir verdadeiro tesouro para os nossos bacharéis. Estribado nele, podia-se discutir, num país de pouca cultura, como o Brasil, cosmogonias, geologia, biologia; os mais curiosos – e é o caso de Sílvio – usavam-no talvez como fio de Ariadne para chegar a estudos mais detalhados”. In: CÂNDIDO, 1988, p. 31.

EXPEDIÇÕES

Teoria da História &
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

das culturas num mundo em crescente redimensionamento e aceleração proporcionadas pelo desenvolvimento tecnológico – transportes e comunicações – provas inequívocas da realidade do progresso. Nas palavras de Tobias Barreto:

O progresso não é o ruído das paixões humanas, das paixões mesquinhas que refervem, que se agitam pelo espírito da desordem. Elle é menos uma marcha, que uma ascensão; a vibração de todas as sympathias, o azulamento de todos os céos, a transfiguração de todos os martyres; é o vôo da civilização, o vôo da ave lugubre carregando o Prometheu do Caucaso aos Alpes, dos Alpes aos Andes, dos Andes ao céu, o redemoinhar dos povos em torno das idéas, o redemoinhar das idéas em torno de Deus (BARRETO, 1926c, p. 193-194).

No entanto, como bem define Michel Foucault, o evolucionismo se efetivou numa espécie de máscara que articulou poder político ao discurso da ciência.

No fundo, o evolucionismo, entendido num sentido lato (...) tornou-se, com toda a naturalidade, em alguns anos do século XIX, não simplesmente uma maneira de transcreever em termos biológicos o discurso político, não simplesmente uma maneira de ocultar um discurso político sob vestimenta científica, mas realmente uma maneira de pensar as relações da colonização, a necessidade das guerras, a criminalidade, os fenômenos da loucura e da doença mental, a história das sociedades com suas diferentes classes, etc. (FOUCAULT, 1999, p. 307).

Tratava-se, nesse século, do progresso e da aceleração das percepções do tempo e de reedificação também de nossas sincronias e diacronias com o passado. Assim, raça, história e evolução se articulavam nas estruturas discursivas produzindo uma ressignificação do passado das sociedades e a reboque projeções de futuro variantes e condicionantes a essas categorias e suas especificidades. O dilema nacional se centrava na possibilidade de queimar estágios de média e longa duração já vividos por outras raças em estágio de evolução mais avançados que o nosso. Dessa maneira: “as transformações da sensibilidade histórica, ao longo do oitocentos, revelam as diferentes fases da consciência e do sentido da história – ora ciência, ora arte, ora discurso. E reafirmam o constante desejo de decifrar as ironias do destino humano” (PAZ, 1996, p. 194). A novidade era a negação de uma transcendência à natureza responsável pelo ordenamento da evolução. Nas palavras de Haeckel: “Se um exame critico e imparcial das coisas não nos permite reconhecer uma 'ordem moral' na marcha da historia dos povos, não podemos imaginar que uma 'sabia providencia' regule o destino dos indivíduos” (HAECKEL, 1909, p. 311).

Por isso o movimento falava sobre o papel da raça na história⁹⁰. O mesmo passado que legitimava a superioridade de uma raça sobre outra era capaz de desmontar esse tipo de arranjo discursivo. No entanto, os que aceitavam a superioridade da raça branca também acreditavam na possibilidade de reversão do quadro negativo de nossa raça mestiça, parda e negra. Segundo Skidmore: “A maioria previa um processo 'evolucionista' em que o elemento branco aos poucos triunfaria. Também estavam dispostos a acelerar essa 'evolução' promovendo a imigração européia (...)” (SKIDMORE, 2012, p. 62). Essa maioria incluía Sílvio Romero que “dizia-se um darwinista social, e embora nutrisse reservas quanto a algumas ideias de Spencer, julgava-se o melhor guia para a compreensão histórica” (SKIDMORE, 2012, p. 73). Ora, se pensava-se com Spencer e a sociedade era vista como um organismo, era a ciência europeia que daria através de suas mais elevadas teorias científicas (discursos autorreferenciais em grande medida) tanto o instrumental teórico para que se pudesse compreender a superioridade da raça branca, quanto das possibilidades de aceleração de nossa evolução. Dessa forma, “Sílvio Romero tinha uma convicção inabalável: os brasileiros precisavam dominar as doutrinas científicas então correntes e aplicá-las a seu país” (SKIDMORE, 2012, p. 73). E aí que o processo de miscigenação generalizado nos trópicos era um enorme empecilho a essa tarefa civilizatória, já que, “a ciência europeia inclinava-se a condenar a mistura de sangue humano como fonte de fraqueza e possível esterilidade. Ele [Sílvio Romero] achava que isso provavelmente era tolice, mas não dispunha, ainda, de uma base científica para expressar essa opinião” (SKIDMORE, 2012, p. 78). Esses postulados são aceitos por nossa intelectualidade até as primeiras décadas do século XX. Como destaca Lúcia Lippi Oliveira:

A intelectualidade cientificista brasileira no início deste século assume tais pressupostos [desigualdade das raças, superioridade do branco e o mal da miscigenação]. Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Graça Aranha (em Canaã), para citar figuras expressivas, estão preocupados com a nacionalidade, querem soerguer o Brasil, mas ficam limitados pelos impasses advindos das teorias da época, que eles aceitam e postulam (OLIVEIRA, 1990, p. 191).

⁹⁰ Em texto publicado postumamente por Artur Orlando na Revista do Norte de 15 de julho de 1891, e intitulado *Ideias introdutórias ao Estudo da História*, Tobias vai negar a história universal e a história da humanidade defendendo uma concepção de história diversa. Nas suas palavras: “Daqui resulta que o verdadeiro nome da ciência, que nos ocupa, é o de história da civilização, ou história das nações, ou simplesmente história, podendo-se adicionar a esta palavra o epíteto de geral, como fazem alguns autores, no intuito de distinguir a história das nações da história desta ou daquela nação em particular”. Conclui então em termos evolucionistas: “Fique portanto assentado que a história geral ocupa o meio-termo entre a história da humanidade, que não existe, e a história do homem, que faz parte da história natural”. In: BARRETO, 2012, p. 217-218.

Até a década de 1930 temos uma forte presença da ideia de raça como função explicativa de nosso ordenamento social. O exemplo de peso nessa presença, certamente, é a figura de Gilberto Freyre, que insistia na Europa como modelo étnico.

A conservação de uma forma social – para fixar-se o fenômeno em moderna linguagem sociológica – que permitisse desenvolver-se daquelas substâncias transplantadas da Europa para a América tropical – raça e civilização européias – um novo tipo de raça e um novo tipo de civilização. Precisamente aquele novo tipo de raça e civilização que estudos de Antropologia iniciados no fim da época considerada neste ensaio – os de Roquette-Pinto – iriam identificar, ao se estenderem da Antropologia Física para a Social, como caracterizado por predominâncias européias, sem ser de modo algum tipo exclusiva ou estaticamente europeu de raça ou de civilização; muito menos, subeuropeu (FREYRE, 1990, p. 36).

Já no caso da escravidão, Gilberto Freyre generalizara as imagens edificadas e os sentidos atribuídos do espaço e tempo passado a tal ponto que acabara por negligenciar a “dinâmica do processo histórico” e ignorando, dessa maneira, “a historicidade da escravidão”, ao estender a condição escrava do Nordeste açucareiro ao Brasil todo (QUEIRÓZ In: FREITAS, 1998, p. 107). Isso, em parte, pode ser pensado se levarmos em conta o fato de que haveria uma distância entre sistema produtivo e a vida ideológica, tal qual enunciou Roberto Schwarz (SCHWARZ, 1973, p. 153).

Considerações Finais

No final do oitocentos a materialização desse modelo que reverbera na República se dá na recepção do monismo na Escola do Recife. Termo forjado no século XVIII por Christian Wolff, o monismo proclama a unidade de tudo que existe em uma única substância. No século XIX, Spencer será um dos grandes defensores e divulgadores do monismo, ao lado de Haeckel. Em defesa do monismo escreveu:

O monismo, que será a religião do futuro, não é, como as religiões ecclesiasticas, o antagonista das sciencias naturaes e da razão; está de accordo com ellas. As primeiras são synonymas de superstição e illusão; o monismo tem como base a verdade e a sciencia. A razão humana sujeita á superstição, a guerra declarada á natureza são factos que não tornam nem melhor nem mais feliz, como o provam aos espiritos imparciaes as historias das religiões. A floração da edade media, o triumpho do cristianismo correspondem brutalidade e de profunda immoralidade. Cinco séculos antes de Christo, a philosophia, com Thales e Anaximandro, Heraclito, Empedocles e Democrito, já fundamentara a theoria transformista, mas a diffusão dos dogmas catholicos e as fogueiras da inquisição fizeram da rainha das sciencias o cego instrumento da theologia. Foi o vôo poderoso das sciencias naturaes que no ultimo seculo reconduziu para o caminho da verdade a philosophia, transviada e rebaixada; dá-lhe hoje uma base solida o transformismo monistico (HAECKEL, 1930, p. 566).

E, assim conclui:

A nossa epocha, que teve a gloria de fundamentar scientificamente o mais brilhante resultado do saber humano, a doutrina genealogica, será celebrada pelos seculos vindouros, como havendo inaugurado, pelo progresso da humanidade livre exame sobre o dominio auctoritario, pela nobre e poderosa influencia da philosophia monistica (HAECKEL, 1930, p. 566).

Portanto, a sua adesão ao monismo de Haeckel é ponto de articulação da sua reflexão sobre a cultura. Em torno da antítese natureza/cultura ele se posicionará a partir do monismo considerando sua perspectiva filosófica materialista:

Não faço mysterio da minha fé philosophica: – eu sou materialista, no bom sentido da palavra. Não me insurjo nem mesmo contra a tentativa de fazer-se da chamada sciencia da alma um compartimento da meteorologia. “O homem é o que elle come” – disse o auctor de *Kraft und Stoff*⁹¹–; e não hesito glosar: – o homem é todo feito á imagem e semelhança, não de Deus, porém da natureza, isto é, do céu que elle contempla, do ar que respira, da terra em que pisa, do leito em que dorme, e até das flores que colhe, se não até dos labios que beija. Isto não é poesia, como de tal costuma-se acoimar tudo aquillo que não sabe ao pão quotidiano das idéas e palavras corriqueiras; – isto não é poesia, é pura realidade (BARRETO, 1926, p. 70).

Na urdidura de sua filosofia emerge o aparente paradoxo de sua condição racial. A crença de que escapamos ao preconceito de cor, como exemplifica Thomas Skidmore através de Joaquim Nabuco, que escrevia n' *O Abolicionista*, seu grande panfleto político, não passara então, de olhar enviesado sobre as relações sociais no regime escravocrata: “A escravidão, por felicidade nossa, não azedou nunca a alma do escravo contra o senhor, falando coletivamente, nem criou, entre as duas raças, o ódio recíproco que existe naturalmente entre opressores e oprimidos” (NABUCO, Apud: SKIDMORE, 2012, p. 62). É inegável que Nabuco vislumbrava os capítulos posteriores à abolição e os desafios inerentes à nova ordem social, com atenção especial para o lugar de brancos e negros nesse ordenamento: “Ocorre que dentro de uma sociedade escravocrata que reconhecia o mestiço e possibilitava a sua mobilidade por intermédio de credenciais intelectuais, não era inexpressivo o número dos que enveredavam pela via intelectual como forma de negociar certas formas de reconhecimento e mobilidade” (BARBOSA, 2014, p. 4).

A antropometria e a criminologia do início do século instrumentalizariam, cada qual a seu modo e de maneira incisiva, o saber científico com o controle das populações. Como vaticinou Romero, “a crítica-ciência, pois, não nasceu no Rio com a retórica do Cônego Pinheiro”

⁹¹ Obra de autoria do filósofo materialista e médico alemão Friedrich Karl Christian Ludwig Büchner (1824-1899).

EXPEDIÇÕES

Teoria da História &
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

(ROMERO, 1980, p. 1189). Dessa maneira: “Para classificar as raças humanas tomam-se por base a natureza dos cabellos, a coloração da pelle, a fôrma do cranio. Debaixo d'este ponto de vista ha dois typos cranianos oppostos, cabeças compridas e cabeças curtas” (HAECKEL, 1930, p. 520-1). Consequentemente, a raça de maior “progresso intellectual”, segundo Haeckel é a indo-europeia. E arremata: “É preciso dar hoje a preeminencia aos ingleses e allemães, que activamente trabalham para esclarecer e edificar a theoria genealogica e assim abrir uma nova éra ao progresso intellectual” (HAECKEL, 1930, p. 538). No que se refere à etnologia do Oitocentos e o posicionamento no debate sobre as raças, Tobias era enfático na crítica às limitações de alguns modelos que hierarquizavam raças. Nas suas palavras:

Quanto ao ponto relativo ás raças, isso é apenas o effeito de outra mania do nosso tempo, a mania ethnologica. Eu quizera que Lilienfeld viesse ao Brasil para vêr-se atrapalhado com a applicação de *sua theoria* ao que se observa entre nós. As chamadas *raças inferiores* nem sempre *ficam atraz*. O filhinho do negro, ou do mulato, muitas vezes leva de vencida o seu coevo purissimo sangue aryano (BARRETO, 1892, p. XII).

Do mesmo modo, exemplo da apropriação das ideias evolucionistas e a leitura feita por esses intelectuais à luz da realidade nacional é o julgamento de Romero sobre a obra do poeta Cruz e Souza. Romero caracterizava o gênio do poeta do simbolismo: “Elle [o poeta Cruz e Souza (1861-1898)] é o caso único de um negro, um negro puro, verdadeiramente superior no desenvolvimento da cultura brasileira. Mestiços notaveis temos tido muitos; negros não, só elle” (ROMERO, 1905, p. 197). Como aponta Roberto Ventura ao analisar o lugar da mestiçagem: “os modelos, como o de 'estilo tropical' ou de 'poesia mestiça', são representativos dos padrões específicos de estilo historiográfico, formados na América Latina a partir do sincretismo de teorias e conceitos europeus deslocados de suas funções de origem e através de uma escrita do tipo sincrético, cuja principal expressão é o ensaísmo cultural” (VENTURA, 1987, p. 34).

Muito se disse sobre um “deslocamento de Romero da evolução social para os determinismos”. Considerado por parte da crítica da historiografia com autor racista, como o define Carelli⁹², a questão da cultura é um dos grandes temas, tanto em Romero quanto em Tobias, e reverbera na posteridade que se filia ou contrapõe à Escola do Recife. Também é ponto pacífico nessa mesma historiografia o fato de que a aproximação com o pensamento alemão foi a chave para a formulação do culturalismo por parte de Tobias Barreto e seus herdeiros intelectuais. No caso de

⁹² “Racista, Sívio Romero inaugurara os estudos culturalistas realçando o valor do papel dos negros e da mestiçagem brasileira das raças e das idéias”. In: CARELLI, 1994, p. 151.

Romero, a sua recepção da sociologia norte-americana o ajudou a ampliar os horizontes de sua teoria da miscigenação das raças.

O que se revela no jogo entre raça, evolução e história – e evolução das sociedades no tempo – é o jogo dos saberes que ordenam a realidade com o intuito declarado de intervir politicamente no presente em nome de uma ou muitas projeções de futuro. No caso que nos propomos a analisar, podemos corroborar a análise de Francisco Paz, para o qual, “a construção dos sentidos, como podemos ver, dá-se no interior de um campo de tensões entre diferentes ideias, *idéés-forces* que impulsionam os desejos e impelem os indivíduos, as coletividades. Assim, é no campo da história das idéias que localiza(m)-se a(s) ideia(s) de história” (PAZ, 1996, p. 161).

Referências bibliográficas

BARBOSA, Ivan Fontes. Tobias Barreto: mestiçagem e sociologia no Brasil do século XIX. Uppsala: Moderna språk, Vol. 108, n. 1, 2014.

BAREL, Ana Beatriz Demarchi. *Um romantismo a oeste: modelo francês, identidade nacional*. São Paulo: Annablume, 2002.

BARRETO, Tobias. *Philosophia e Critica*. (Obras Completas III). Aracaju: Edição do Estado do Sergipe, 1926a.

_____. *Estudos Allemães*. (Obras Completas, Vol. VIII). Aracaju: Edição do Estado do Sergipe, 1926b.

_____. *Discursos*. (Obras Completas IV). Aracaju: Edição do Estado do Sergipe, 1926c.

_____. *Menores e Loucos e Fundamentos do Direito de Punir*. (Obras Completas V). Aracaju: Edição do Estado do Sergipe, 1926d.

_____. *Estudos alemães*. Organização: Luiz Antonio Barreto. Rio de Janeiro: J. E. Solomon; Aracaju: Editora Diário Oficial, 2012e.

_____. *Estudos de direito* (publicação posthuma dirigida por Sylvio Roméro). Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1892f.

BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República de 1889 a 1930*. 4. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

BEVILAQUA, Clovis. *Philosophia Positiva no Brazil*. Recife: Typographia Industrial, 1883.

BOULLE, Pierre H. Em defesa da escravidão: oposição à abolição no século XVIII e as origens da ideologia racista na França. In: KRANTZ, Frederick (org.). *A Outra História: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

CÂNDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

CARELLI, Mario. *Culturas Cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas: Papyrus, 1994.

FALCON, Francisco José Calazans. *A Época Pombalina (Política econômica e Monarquia Ilustrada)*. São Paulo: Editora Ática, 1982.

FOUCAULT Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005a.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre e da monarquia para a república*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.

HAECKEL, Ernesto. *Historia da Creação dos Sêres Organizados Segundo as Leis Naturais*. Trad. Eduardo Pimenta. Porto: Livraria Chardron, 1930.

HAECKEL, Ernesto. *Os enygmias do Universo*. Trad. Jayme Filinto. Porto: Livraria Chardron, 1909.

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In: NOVAES, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MAGNOLI, Demétrio. *Uma gota de sangue: história do pensamento racial*. São Paulo: Contexto, 2009.

NABUCO, Joaquim. O Abolicionismo. Apud: SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

PAZ, Francisco Moraes. *Na poética da História: a realização da utopia nacional oitocentista*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.

EXPEDIÇÕES

Teoria da História &
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

QUEIRÓZ, Suely Robles de. A Escravidão Negra em Debate. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

QUENTAL, Antero de. *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX*. (Edição fac-símile manuscrito). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

RABELLO, Sylvio. *Itinerário de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

ROMERO, Sílvio. *Doutrina contra Doutrina*. O evolucionismo e o positivismo na República do Brasil. Rio de Janeiro: Editor J. B. Nunes, 1894.

_____. *História da Literatura Brasileira*. Contribuições e Estudos Gerais para o Exato Conhecimento da Literatura Brasileira. (4º Volume). 7.ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1980.

_____. *Evolução do lyrismo brasileiro*. Recife: F. B. Edelbrock Editor, 1905.

SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. Estudos Cebrap, n. 3, jan. 1973.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SPENCER, Herbert. A sociedade é um organismo. In: CRUZ, M. Braga da. *Teorias Sociológicas: os fundamentos e os clássicos*. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

_____. Crescimento social. In: CRUZ, M. Braga da. *Teorias Sociológicas: os fundamentos e os clássicos*. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

SPENCER, Herbert. *El individuo contra el Estado*. Valencia: F. Sempere y C.^a, Editores, s/d.

VENTURA, Roberto. “Estilo tropical”: a natureza como pátria. Remate de Males, Campinas, (7): 1987.